

MOVIMENTO
DE APOIO A ELEIÇÃO DE
Maria de Lourdes
Pintasilgo



R. João das Regras, 151
4000 PORTO
Telef. 26933



Intervenção de

Eng^ª Maria de Lourdes Pintasilgo

Porto, 1de Dezembro de 1985

Fundação Cuidar o Futuro

Este é um tempo de acção, não um tempo de olhar para trás e fazer história. Contudo, não posso deixar de exprimir o que sinto, nesta etapa colectiva de um já longo percurso. Sinto neste momento - e com uma intensidade reforçada pela exigência de lucidez e determinação perseverantes - que a história desta candidatura tem vindo a enriquecer o sentido da acção em que juntos nos empenhamos e nos continuaremos a empenhar .

A minha candidatura nasceu da conjugação de desejos e generosidades que se foram confirmando e enriquecendo num trabalho comum. Mas o seu projecto foi-se tornando mais nítido, mais claro, mais demarcado, mais contagante. Pois como explicar de outro modo o calor e a esperança de tantos portugueses desde Beja a Montalegre? Penso que este encontro é inequívoca manifestação disso mesmo. Por isso constitui uma pedra fundamental no nosso caminho.

Julgo que é legítimo, e necessário, dizer que esta candidatura tem hoje uma responsabilidade histórica acrescida, porque pela sua vitória passa a defesa intransigente de valores fundamentais da ética e da política. Por isso talvez não seja ousado nem utópico dizer que esta candidatura é cada vez mais a candidatura de todos os portugueses, porque um número crescente de portugueses vem reconhecendo nela o lugar fundamental para afirmação desses princípios e valores.

Repito: Sinto que a nossa responsabilidade é cada vez maior. Mas sinto também que aumenta o número daqueles que estão connosco na partilha dessa responsabilidade. Por isso mesmo não se julgue que nos vamos agora atemorizar-nos com o peso dos desafios da história, nem muito menos com a teia insidiosa das pressões. Muito pelo contrário: os desafios da história encontram o nosso entusiasmo e o nosso gosto de resolver o que é difícil porque actual, real, concreto. As pressões passam-nos ao lado- escutamos, dialogamos mas os nossos alicerces mantêm-se firmes. Sentimo-nos agora mais solidários, mais serenos, mais unidos.

É mais fácil afirmar hoje que esta candidatura é uma candidatura verdadeiramente independente, até porque alguns se têm encarregado de mostrar que não dependemos deles.

É mais fácil afirmar hoje que essa independência é essencial para o futuro da vida política portuguesa- porque não faltam os exemplos que provam como o jogo das dependências tem vindo a entrar, adiar, a estorvar, a impedir a procura racional de soluções, a es-



tabilização das soluções encontradas.

É mais fácil afirmar hoje que essa independência é uma independência em relação aos partidos - e todos os candidatos a consideram necessária, porque só isso explica que todos se tenham querido tornar os independentes que não são. Mas não é uma independência contra os partidos. Bem pelo contrário: é uma independência que apenas pretende criar as condições para que os partidos desempenhem plenamente as funções que lhes cabem numa sociedade democrática. É uma independência com os partidos, e não uma independência acima dos partidos ou sem eles. Por outras palavras: é uma independência para servir a democracia, procurando respeitar e incentivar todas as formas jurídicas de mediação, organização e formação da vontade dos cidadãos, e colaborar com elas e através delas; e, portanto, não é uma independência que se possa confundir com quaisquer modelos de populismo que pretendam manipular as massas através de mecanismos afectivos irracionais, sucedâneos do projecto inexistente ou da ética reduzida ao seu enunciado.

Mas é também uma independência para servir o povo, isto é, para resgatar do silêncio e da opressão. Repito: o Presidente da República não pode ser o espectador passivo da fome e da violação dos direitos do homem. O Presidente da República não é apenas um protagonista fundamental da vida política como também o portador dos valores ~~essenciais~~ da nossa realidade histórica e cultural e o garante dos direitos morais e políticos de todos os portugueses.

Só por esta tripla função e responsabilidade se justifica toda a esperança e todo o entusiasmo que os portugueses colocam na eleição presidencial - e dessa esperança e desse entusiasmo me sinto hoje testemunha depois de tudo o que ouvi e vi no contacto com as mais diversas gentes dos mais distantes lugares. Essa esperança, esse entusiasmo, esse investimento, esse apelo, dizem-me que de um Presidente se espera muito, às vezes demais, sobretudo quando se tem muito pouco. Por isso mesmo, no âmbito rigoroso da minha leitura das funções presidenciais consignadas na nossa Constituição, é a esse muito que pretendo dar corpo.

O povo português sente que as suas dificuldades presentes se devem por vezes a circunstâncias absurdas que não passam por ele e nem sequer o consideram. Precisamos de atribuir a todos a dignidade humana da participação - tendo em conta, evidentemente, a complexidade dos problemas e o nível das decisões. Mas precisamos sobretudo de mostrar que só a participação de todos, de forma perseverante, consciente, organizada, programada, permitam obter o que todos insistem ~~em~~ repetir sem saberem como chegar lá: é preciso pôr o país

a funcionar. E, para isso, é preciso que todas as forças e instâncias políticas funcionem na plenitude das suas competências e atribuições. Mas é preciso sobretudo que cada um se responsabilize pela responsabilidade de todos - é esse o sentido último da democracia: cada um é livre na sua consciência e decisão, mas todos estão solidários de todos, porque a sociedade é uma responsabilidade comum, a gerar-se constantemente a si mesma, em momentos como este.

Meus amigos:

Comecei por falar na história desta candidatura, isto é, na história da esperança que soubemos construir. Neste momento, é cedo para escrever essa história, mas já é tempo para nos orgulharmos dela. Razões não faltam - e cada um de nós é uma razão viva do que digo.

E é esse orgulho que nos dá forças.

Isto é, que nos dá a força indispensável para transformar-mos a história desta candidatura na história de uma vitória de todos.

E vai ser bom poder contá-la aos que vierem depois.

Como hoje, dia 1 de Dezembro, podemos contar a história pacífica de uma libertação, libertação expressiva do sentir do povo. Já não estamos ocupados hoje por forças exteriores. A ocupação hoje está dentro das nossas fronteiras - ela quer ser domínio do pensamento e das consciências. Por isso, me parece legítimo dizer que constituímos hoje a libertação em movimento.

Encontramo-nos afinal, de repente, quase com o destino nas mãos. Onde começou? Como começou? São vários os itinerários e as razões. Mas de todos nós pode dizer-se o que Pessoa disse do início da nacionalidade, herói que é cada um de vós desta empresa a que metemos ombros:

"Todo o começo é involuntário
 Deus é o agente
 O herói a si mesmo assiste
 Inconsistente e vário.
 A espada em tuas mãos achada
 teu olhar desce
 "Que hei-de fazer com esta espada?"
 Ergueste-a
 E fêz-se."

